

O bairro, O campus - memória ambiental de uma relação não consolidada¹

Natã Souza Lima (UFAM)

Pedro Paulo de Araújo Miranda Soares (UFAM)

André Menezes Firmino (UFAM)

Raíssa Helena da Silva Chaves (UFAM)

Palavras-chave: campus universitário; florestas urbanas; memória ambiental.

O Campus universitário Senador Arthur Virgílio Filho, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), é o maior em extensão territorial do Brasil e compõe uma Área de Proteção Ambiental da cidade de Manaus, a APA Floresta Manaós, terceiro maior fragmento verde em área urbana da Terra e o primeiro do país (Oliveira, 2019). Ao seu lado, o bairro Coroadó, situado na zona Leste da cidade, foi criado a partir de um longo processo de ocupação urbana no início da década de 70 em terras que haviam sido destinadas para a Universidade, produzindo uma história de conflitos entre moradores e funcionários da UFAM. Madeira, caça de animais, coleta de frutos, roçados, produção de farinha, muitos eram os usos tidos como irregulares durante o processo de ocupação e consolidação do bairro do Coroadó, nas terras que pertenciam ao campus.

Atualmente, mais de 50 anos depois da formação do bairro e da reestruturação do Campus universitário, com a reforma de diversos prédios e construção de novos espaços onde havia floresta nativa, temos revisitado as narrativas sobre os usos do campus e suas transformações, tanto pelos servidores públicos da instituição, quanto pelos moradores do bairro Coroadó, através do conceito de memória ambiental (Soares, 2021), refletindo sobre as permanências e os desdobramentos dos processos de conflito urbano por moradia, as relações de troca, ocupação, afastamento, ressentimento e idealização que ainda ressoam na relação entre comunidade e universidade.

Memória ambiental surge neste trabalho como um conceito operador para a memória, sobretudo diante dos relatos que apontam a transformação do ambiente ao redor, nos artefatos trazidos pelos interlocutores, como histórias do passado que se desdobram em aprendizados sobre presente, em fotografias, poemas e cartas - como quadros sociais da

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

memória, no sentido atribuído por Halbwachs (1990), que podem ser entendidos como pontos de referência acessados a partir de eventos e estruturas coletivas. Essa definição clássica foi desdobrada no conceito de “memória ambiental” nas pesquisas de Ana Luiza Carvalho da Rocha, Cornelia Eckert, que ao longo de suas trajetórias de pesquisa, se aproximam do conceito de “memória coletiva” de Halbwachs, adotando uma perspectiva sobre o patrimônio e a vida urbana através dos imaginários, dos sentidos, que são evocados quando questionamos alguém sobre uma paisagem, sobre a “vida de antigamente”, que permitem às pessoas a criação ou o resgate de imagens. Assim, nessa concepção, a memória ambiental passa pela capacidade de narrar, de imaginar, registrar, de vincular, inclusive, documentos guardados nas caixas e gavetas do lar, sobre as experiências da vida, e nesse caso, das transformações da natureza e da cidade.

No contexto amazônico essa abordagem vem sendo adotada por Soares (2016, 2021) em sua pesquisa sobre transformações urbanas e políticas públicas de saneamento na Bacia do Una, em Belém-PA. Em sua etnografia, Soares (2016, 2021) atualiza o conceito de memória ambiental utilizado por Rocha e Eckert (2021), explicitando a categoria de “ambientalização”, que no contexto das transformações urbanas provocadas por intervenções de saneamento na bacia do Una, parece tornar mais evidente a disputa política (e de poder) em torno da memória sobre a cidade, sobre as águas, sobre a poluição, sobre moradia e acesso à saúde pública (Soares 2021).

Em nossas pesquisas, o campus e seu entorno também tem sido compreendidos como espaços multiespécie, marcados por elevada diversidade biológica e por interações constantes entre fauna, flora e população humana, conforme evidenciado nos levantamentos sobre a biodiversidade presente no campus da Universidade Federal do Amazonas (Monteiro; Oliveira; Silveira, 2022). Trata-se de um cenário no qual a presença dos animais integra o cotidiano, as práticas de uso e convivência no campus e as memórias associadas à paisagem.

Esses dados têm sido trabalhados como parte de uma pesquisa de longa duração sobre os Impactos Antrópicos no Ecossistema de Floresta Tropical – Sítio MANAUS (IAFA), financiada pelo CNPq, além de uma pesquisa de mestrado e outra de iniciação científica, que abrangem o Campus Universitário Senador Arthur Virgílio Filho e o bairro do Coroado, em Manaus, AM.

Neste artigo, optamos por desenvolver inicialmente uma descrição do Campus da Universidade Federal do Amazonas e do bairro do Coroado, separadamente. Em seguida, através de três pessoas interlocutoras, orientados pelo conceito de memória ambiental, descrevemos algumas das memórias compartilhadas conosco sobre esses espaços e suas interações.

Caracterização do Campus – UFAM

A criação do Campus Universitário marcou um momento de aglutinação dos cursos da antiga Universidade do Amazonas (UA), que eram espalhados por prédios históricos de Manaus, sobretudo na região do Centro da cidade. A área destinada ao Campus foi criada em 1968, através da compra e doação de terrenos públicos e privados, finalizada apenas em 1975, já que dois terrenos particulares resistiam ao processo de finalização das vendas. No período dos anos 70, Manaus passava por um crescimento urbano “desordenado”, estimulado pela instalação do Distrito Industrial e a procura por novas oportunidades de emprego na cidade. Muitas famílias se deslocaram dos interiores do Amazonas e de outras cidades do Brasil, em busca de construir uma nova vida em Manaus. Segundo o levantamento realizado por Araújo (2019), entre 1969 e 1970 bairros adjacentes ao que é hoje a área do Campus, foram formados, como Petrópolis, Japiim, Aleixo e em seguida o Coroado, resultado direto de uma ocupação em áreas que pertenciam a Universidade (119 hectares).

Atualmente, as salas de aula, salas de professores, departamentos, unidades e demais espaços de convivência acadêmica do Campus Universitário Senador Arthur Virgílio Filho, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), são distribuídas em dois setores principais: 1) o Setor Norte, onde ficam os prédios da Reitoria, Faculdade de Direito, Faculdade de Tecnologia, Instituto de Comunicação, Faculdade de Estudos Sociais, Faculdade de Letras e Artes, o Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, uma biblioteca setorial e um grande centro de convivência, com o principal restaurante universitário, outros serviços e espaços de exposição. O Setor Norte foi a primeira estrutura construída para ocupação do Campus, e fica localizado nos “fundos” da extensa área de floresta que compõe o campus. 2) O Setor Sul, chamado também de “mini-campus”, que não estava planejado a priori. Suas instalações foram erguidas primeiro para os trabalhadores da segurança do campus, uma espécie de galpão para cozinha e

descanso, que logo se tornou espaço acadêmico improvisado, para a (tentativa de) contenção do início da ocupação irregular “Coroadó”, que, como veremos adiante, logo se tornou um extenso bairro. Atualmente o Mini-Campus compreende a Faculdade de Ciências Agrárias, Faculdade de Psicologia, Instituto de Ciências Biológicas, Faculdade de Farmácia, Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, além de departamentos e cursos de pós-graduação (como o Programa de pós-graduação em Antropologia Social) que ainda utilizam os primeiros prédios improvisados, e que em breve devem ser demolidos para dar lugar a novas estruturas. Também há uma biblioteca setorial, um restaurante universitário, áreas de lazer e prática desportiva, um largo estacionamento e dois auditórios, sendo um deles o principal e maior auditório da universidade. Ainda há um prédio novo em construção, que deve abrigar a Faculdade de Odontologia, atualmente localizada no Centro de Manaus.

O Campus também compõe a Área de Proteção Ambiental (APA) Floresta Manaós, criada em 2019, sendo sua principal área verde e que segundo dados da própria universidade, é um dos maiores fragmentos florestais urbanos do Brasil, com uma extensão aproximada de 700 hectares. As APAs, compõem o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) e tem como principal objetivo a preservação de áreas ricas em recursos naturais (fauna, flora, cursos de água) em contextos habitados por humanos. A demarcação dessa região da cidade foi realizada pela Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura de Manaus, visando reunir os fragmentos florestais do entorno da atual floresta do campus, e proteger essas áreas verdes da degradação ambiental decorrente do crescimento urbano.

Em 2021 um projeto de lei municipal tentou modificar a delimitação da APA Floresta Manaós, para a derrubada de um fragmento florestal e a construção de um posto de gasolina. Em oposição ao projeto, houve a criação de um movimento popular chamado “Salve a Floresta Manaós”, que pedia ao prefeito de Manaus o veto ao projeto de lei. Após a pressão, o projeto foi vetado integralmente. A obra, não afetaria diretamente a área do Campus, no entanto, exemplifica a pressão sobre a extensa e cada vez mais isolada área verde urbana sob justificativa do desenvolvimento econômico da cidade. A fragmentação florestal no entorno da floresta do Campus da UFAM tem sido desafiadora para algumas espécies que transitam entre fragmentos urbanos, sobretudo entre animais que estão em risco de extinção, como é o caso do sauim de coleira, uma espécie endêmica de Manaus e de sua região metropolitana.

Em nossa pesquisa, temos conversado com outros pesquisadores da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) sobre o Campus. Nosso diálogo tem ocorrido principalmente com pesquisadores das ciências biológicas, que trabalham com o monitoramento de espécies do Campus e dos impactos urbanos e de mudanças climáticas sobre as espécies (tanto de flora, quanto de fauna). Além de relações de interlocução para pesquisa, temos estabelecido relações de trabalho com colegas dessas diferentes áreas do conhecimento, seja por meio de projetos de extensão, como por meio de projetos de pesquisa, como é o caso do Projeto Ecológico de Longa Duração sobre os Impactos Antrópicos na região de Manaus (PELD/IAFA).

Além da pesquisa qualitativa, a consulta a outras pesquisas já realizadas sobre o Campus da UFAM, sobre a APA Floresta Manaós e sobre o bairro do Coroado, tem sido importante para nossa compreensão sobre os processos da relação entre esses espaços e os seus grupos sociais. A tese de Fabiane Araújo, defendida no Programa de pós-graduação em ciências do ambiente e sustentabilidade na Amazônia em 2019, produziu um registro denso dos processos que envolvem a memória sobre o campus e sua relação com o bairro do Coroado. Do ponto de vista “de dentro” do Campus, a tese de Araújo (2019) relata que o processo de ocupação do Coroado não foi pacífico, com um período de quase 10 anos de conflito, inclusive armado, resolvido apenas após um acordo entre a Companhia de Habitação da Amazônia, que indenizou a Universidade pela área ocupada, e iniciou nos anos 80 o processo de urbanização do bairro.

Isso não significou o completo apaziguamento dos problemas envolvendo o uso indevido das áreas de floresta do Campus. Relatos dos guardas de segurança da UFAM (que nos anos 80 não eram terceirizados), apontam para a caça de animais com uso de armadilhas, roçados e extração ilegal de madeira, descarte irregular de lixo, entre outros problemas, que levaram a reitoria da UFAM, em parceria com outros órgãos ambientais, a erguer um muro de contenção por toda a extensão da via de fronteira com o Coroado. Atualmente o muro tem muitas partes quebradas e algumas “lixeiros viciadas”, isto é, pontos de descarte irregular e acúmulo dos resíduos sólidos urbanos.

Ao passo em que existe toda essa história de conflito com o bairro do Coroado e seus moradores, outras regiões habitacionais que estão situadas das bordas da UFAM têm sido tratadas de formas menos reativas (e menos violentas). Dois exemplos são, o Conjunto Acariquara, que foi criado para funcionários da UFAM, com terras doadas pela universidade, e que acabou se tornando um conjunto onde pessoas que não tinham vínculo

com a universidade compraram suas casas, já que podiam pagar; e a construção do Residencial Eliza Miranda, cujo planejamento e construção inicial foram feitos sobre terras da UFAM e da Suframa, sem autorização de ambas as instituições e sem cumprir os requisitos de redução de impactos ambientais. É interessante notar as diferenças nas reações e nas instâncias de disputa, quando os “invasores” pertencem a grupos com poder econômico.

A preocupação com a floresta urbana do campus e da conectividade com outros pontos de mata na cidade de Manaus, está no primeiro plano do conflito e dos estigmas produzidos na relação com o bairro do Coroado. Um dos problemas enfrentados pelas Áreas de Proteção Ambiental em Manaus é a baixa conectividade entre as áreas verdes urbanas. Algumas medidas recentes têm sido tomadas pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Sustentabilidade (SEMMAS), que criou corredores ecológicos para mitigar os impactos da pressão urbana sobre espécies raras, como o Sauim de Coleira. No caso do Campus da Ufam, já no final dos anos 80 os pontos de conectividade com outras áreas verdes da cidade já haviam sido ocupados por áreas urbanas dos bairros do entorno. A perda progressiva das áreas verdes no campus é importante para compreender os conflitos com o Coroado, pois a ocupação que deu surgimento ao bairro, marca a destruição de quase metade da área originalmente destinada ao Campus, como demonstra o mapa comparativo realizado por Luana Castro (2023).

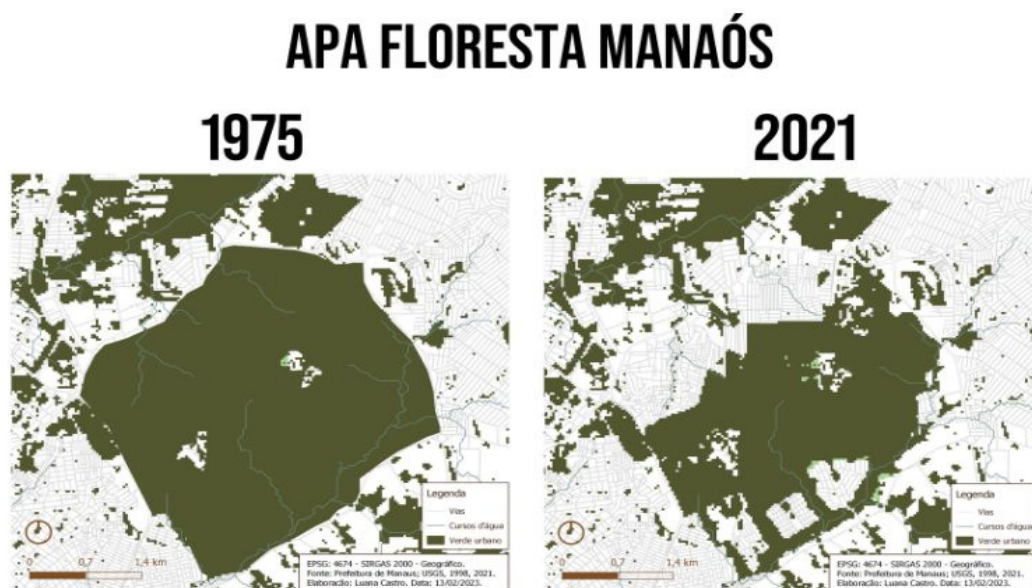


Imagem 01 – autoria de Luana Castro, 2013.

Caracterização do bairro do Coroado

O bairro do Coroado está situado na Zona Leste de Manaus, ocupando uma área aproximada de 1031,62 ha (conforme a última lei de divisão de bairros da cidade de Manaus, lei nº 1401, de 14 de janeiro de 2010). É uma área de ocupação não planejada – segundo critérios urbanísticos – mas que hoje conta com uma variedade de lojas, serviços, escolas, hospitais, condomínios e conjuntos residenciais de classe média. Ao mesmo tempo, é considerada popularmente uma “área vermelha”, como são chamadas em Manaus as regiões urbanas onde há presença de atividades de facções criminosas. É um bairro permeado de contradições sociais e onde está situada a única universidade federal do estado do Amazonas.

Além disso, o Coroado é um bairro que também faz fronteira com o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), e por isso, acaba se tornando um bairro onde estudantes (geralmente os mais pobres ou de classe média baixa) de diferentes níveis de formação alugam casas ou kitnets para morar e se beneficiar da proximidade com seus locais de estudo e pesquisa. É o bairro da Universidade, mas não necessariamente um bairro universitário, pois os serviços existentes e a rotina da vida não são adaptados ou direcionados para o cotidiano dos estudantes universitários.

Como já indicamos anteriormente, o Coroado surge a partir de um processo de ocupação de terras que pertenciam a União, destinadas para a construção do Campus Universitário. Assim, o bairro e o campus coexistiram por muitos anos em um conflito sobre as terras, que eram áreas de floresta nativa, em alguns casos, e em outros trechos, áreas onde houve intervenção humana recente. Nos primeiros dez anos desse conflito, guardas da universidade lutavam contra moradores do Coroado, para manter os limites do Campus, diante das tentativas de ocupação, nem sempre com casas, mas com plantações, casas de farinha, extração de frutas, plantas, sementes e caça de animais.

O trabalho de André Firmino, um dos coautores deste texto, em sua pesquisa de conclusão de curso em História, intitulada “Memória da ocupação dos lotes de terras da UFAM em Manaus”, aborda a criação do bairro do Coroado, a partir de movimentos de ocupação de terras da Universidade Federal do Amazonas, e foi orientado pelo Prof. Dr. Pedro Paulo de Miranda Araújo Soares, compondo o conjunto de debates que vem sendo construídos no âmbito do Colar – Laboratório de Antropologia da Vida, Ecologia e Política. A pesquisa de Firmino, atualmente mestrando em Antropologia Social na UFAM, nos ajuda

a compreender os processos em torno da ocupação e dos modos de vida urbana de moradores do Coroadó, diferenciando-se da pesquisa de Fabiane Araújo por privilegiar a perspectiva dos moradores do bairro em suas memórias sobre o processo de ocupação, conflitos com os guardas da UFAM, e sobre o uso/relação com a APA Floresta Manaós.

Firmino (2025) aponta que a busca por moradia que motiva a origem do bairro tem relação com a migração do interior do Amazonas para Manaus, em busca de oportunidades de emprego na Zona Franca. Ao mesmo tempo, alguns moradores, também viam na área que pertencia a universidade, alguma forma de manutenção de trabalhos rurais, como a roça, o extrativismo e a caça, atividades que também eram combatidas pelos guardas da universidade.

Até o final dos anos 80, diante das crescentes tensões entre UFAM e moradores do Coroadó foi necessária a mediação do padre Mário Missiato, que exercia atividades pastorais na comunidade. Ele articulava junto com outras lideranças religiosas e comunitárias as demandas dos moradores, tanto pelo fim da violência entre guardas da UFAM e comunitários, como pela posse dos terrenos. Além de atuar na luta pelo direito à moradia, Padre Missiato também realizou atividades sociais na comunidade, como a criação de um centro social com atividades para jovens.

A consolidação da ocupação e a oficialização da permanência chegam nos anos 80, através do PROMORAR, que levou a infraestrutura básica para o bairro, com pavimentação de ruas, delimitação dos lotes, rede de água tratada e energia elétrica. Em situações em que o programa exigia a remoção temporária das casas, a comunidade demandou garantias pelo retorno das famílias aos lotes originais após a urbanização. Nesse processo, a comunidade se organizou para exigir que o governo não cobrasse taxas de financiamento dos projetos habitacionais, evitando o endividamento por meio de programas de empréstimos junto ao Banco Nacional de Habitação (BNH).

As consequências desse processo de urbanização foram o aterramento de alguns igarapés e terrenos encharcados que eram frequentados pelos moradores, para construção de ruas asfaltadas. Em uma conversa com João Coragem, o filho de uma das principais lideranças do bairro do Coroadó, Firmino (2025) relata que seu interlocutor lhe contava sobre as memórias da infância no bairro, nos anos 70, de quando brincava na mata da UFAM, ou nos igarapés que foram destruídos no processo de urbanização. Atualmente, um igarapé que está muito poluído e corta o bairro, em sua principal avenida, a Beira Rio.

Dois relatos sobre o Campus, o bairro do Coroado e a APA Floresta Manaós

Para refletir sobre essa relação entre o Campus, o bairro, seres humanos e não-humanos nesse espaço, trazemos três relatos, um deles de um professor do Instituto de Ciências Biológicas da UFAM, Ronis da Silveira, e outros dois de moradores do bairro do Coroado, e professores universitários, Welton Oda e Evany Nascimento.

De “dentro” da UFAM

Em uma entrevista concedida a nossa equipe de pesquisa, o professor Ronis comentou um pouco sobre seu trabalho de pesquisa com crocodilianos, e sobre suas ações de resgate e monitoramento de animais no Campus e no entorno. Suas explicações e histórias envolvendo o resgate de animais são boas para pensar acerca sobre as percepções em torno do Campus e da fauna local.

Em nossas conversas, ele geralmente enfatiza seu interesse pelos animais silvestres e não tanto por “esse bicho-gente”, sobre o qual diz que sente mais dificuldade em lidar. Quando perguntamos sobre a relação entre o Campus e os animais, Ronis menciona alguns dos problemas mais comuns dessa relação. Primeiro, a ideia de que essa relação nem sempre é fácil, uma vez que nós (humanos) provocamos interferências sobre as vidas dos seres não-humanos, seja pelo modo de vida urbano, pelas diferentes perturbações que causamos aos outros seres. Além dessa questão, há o problema do manejo quando nos deparamos com os outros seres – como jacarés, cobras, preguiças, macacos, aranhas, entre outros, que são comumente vistos circulando em áreas do Campus.

Um fato muito interessante que temos aprendido em nossa interlocução com o professor Ronis é o fenômeno do *homing* em algumas espécies, como jibóias e jacarés, que têm a capacidade de retornar ao seu local de moradia após serem transportadas, o que nesses casos, torna o manejo dessas espécies ineficaz – pois certamente elas voltarão. O professor e sua equipe fazem, assim, monitoramento desses animais que, por diferentes situações, são resgatados no Campus e no entorno.

Além do resgate de animais, Ronis tem apontado que por ser considerada uma “área de floresta” o Campus da UFAM acaba sendo local onde pessoas ou profissionais de segurança pública, como os bombeiros, acabam colocando animais resgatados – mesmo que o Campus não seja seu lugar de origem, ou ofereça as condições de vida necessárias para aquela espécie.

Desses processos de equívoco sobre como cada espécie age e interage com o meio, surgem problemas nas relações entre humanos e não-humanos no campus: o pânico sobre aranhas e cobras, que pode levar a uma interação hostil com essas espécies; a ideia de “fofura” atribuída às preguiças, que a depender do tipo, podem ser agressivas nas interações com humanos; animais que caem por conta do calor ou apenas por trapalhada ao transitar entre árvores, mas que não precisam de ajuda e acabam sendo movidos de lugar sem necessidade. Ao mesmo tempo, o professor destaca que o Campus tem sido um espaço cada vez mais habitado por animais domésticos, como gatos e cães, que interferem na fauna local, seja por conflitos diretos, predação ou no risco de transmissão de doenças (como raiva, sarna ou esporotricose).

Para combater a desinformação em torno do resgate de animais na área do Campus e no entorno, a equipe do LABFAUNA, coordenada pelo professor Ronis, disponibilizou banners informativos e números de contato deles próprios para serem acionados nos resgates e assim, poderem realizar o monitoramento das espécies. Nesse aspecto, vale ressaltar que a UFAM pouco colabora, até o momento, com recursos para o manejo e monitoramento da fauna.

Apesar de geralmente enfatizar que acha difícil entender o “bicho-gente”, Ronis é hábil em refletir sobre acontecimentos que envolvem as relações entre humanos e não-humanos na floresta do Campus. Em uma trilha que fizemos na floresta da universidade, guiada por ele, e com participação de diferentes acadêmicos, profissionais e ativistas, surgiram alguns relatos sobre encontros com ciclistas, corredores que sofreram acidentes, usuários de drogas, transeuntes, alunos que usam partes das trilhas para festas, entre outros casos – vestígios orais dessa memória ambiental sobre o Campus, que compõem sua atuação profissional, como professor, biólogo e pesquisador, suas relações com todos esses seres, e suas percepções como cidadão e humano que circula no Campus da UFAM e na cidade de Manaus.

De “dentro” do bairro

Evany Nascimento e Welton Oda são um casal e moram do bairro do Coroado há muitos anos. Evany é professora do curso de letras da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), e mora no Coroado desde a sua infância, nos anos 80. Welton é professor do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), mora

no Coroado desde a sua juventude, tendo transitado por diferentes áreas do bairro. Ambos têm uma forte relação política e de mobilização social em torno do Coroado e de Manaus, além de suas atividades acadêmicas, que partem de diferentes áreas do conhecimento, mas se encontram nos interesses pela história da cidade, pelos quintais urbanos, e pela relação entre as pessoas e a natureza.

Nossa equipe realizou diferentes entrevistas com cada um deles, com ambos juntos, e já participamos de atividades do coletivo Floresta Manaós, do qual fazem parte. Assim, eles têm sido como guias para entrada no bairro, e sobretudo têm nos ajudado a pensar sobre a relação entre o Campus e o Coroado.

As memórias de Evany sobre o Coroado parecem compor o cenário de modificações causadas pela urbanização dos anos 80. Conta de quando era bem pequena, que as ruas não eram asfaltadas, e os quintais eram espaços amplos e produtivos. Plantavam-se árvores frutíferas, ou eram mantidas árvores nativas que podiam servir para usos domésticos ou a venda de excedentes. Sua avó também cuidava de ervas medicinais; criavam-se nas casas, galinhas, porcos e jabutis, para consumo. Não havia uma lógica de proibição da caça de animais ou o consumo de espécies silvestres (hoje criminalizado, e que ao longo do tempo, deixou de ser uma prática alimentar comum, sobretudo nas cidades).

As memórias de infância também evocam o sentimento de comunidade, mais forte na sua percepção nas décadas iniciais do bairro, que com a vida moderna, o deslocamento de grupos familiares para outros bairros ou condomínios, e com os problemas de segurança pública mais recentes, diminuíram as relações de vizinhança. Evany enfatiza, por exemplo, o cuidado como uma prática entre mulheres durante a sua infância, através das atividades de benzimento e parto feitas pela sua avó, o cuidado da vizinha com as crianças da redondeza, quando as mães precisavam sair para trabalhar. Nessas relações a natureza estava sempre presente, seja através dos banhos de igarapé, da limpeza de roupas como um trabalho para sustento familiar, do uso dos buritizeiros como pontes entre as margens do igarapé.

As mudanças na paisagem começam a acontecer durante a urbanização do bairro. Além do aterro de fluxos de água, o asfalto elevou a altura de algumas ruas em relação as casas, provocando alagamentos durante as chuvas. Os quintais foram sendo ocupados por “puxadinhos” para familiares ou para aluguéis, provocando diminuição do contato

cotidiano com plantas, criadouros de animais, insetos e outros seres. Por consequência, o Coroadó torna-se um bairro mais árido, menos arborizado, cercado de grandes construções de concreto que intensificam a sensação de calor, sobretudo no verão amazônico.

Diante dessas transformações, como a universidade aparece? Evany comenta que até sua adolescência, não fazia nenhuma conexão entre o bairro e a UFAM. O campus era visto como “outra coisa”, sobre a qual ela só tomou conhecimento transitando em uma UBS onde sua mãe trabalhava. Ao ver pessoas formadas (principalmente no trabalho da farmácia da unidade de saúde), entendeu o que era a UFAM, tomou conhecimento do que era o vestibular, e nas voltas da vida, acabou entrando na universidade para cursar artes plásticas, curso pelo qual é graduada. Na universidade, conheceu poucas pessoas de sua época que eram do Coroadó. No entanto, mais recentemente, tanto Welton quanto Evany conhecem mais moradores do bairro que estudam na UFAM, ou a frequentam para atividades de extensão universitária.

Ao diferente de Evany, Welton teve mais proximidade com o Coroadó por estudar no INPA e depois tornar-se professor da UFAM. Sua primeira casa no bairro foi na rua que faz fronteira com o muro do Campus, e assim, ele acompanhou muito das tensões contemporâneas em torno dessa obra, que isolou mais ainda a universidade do bairro, fechando campos de futebol usados pela comunidade, hortas feitas e cuidadas pelas moradoras da vizinhança. O muro, construído com a lógica de impedir o avanço do bairro para o campus, na verdade provocou um apagamento dos usos comunitários da floresta do campus, tomando como uma verdade – sem a devida investigação – que a relação das pessoas com a floresta seria de ocupação predatória e construção de moradias. Em uma ocasião, quando descemos juntos para conversar com moradoras/es dessa região fronteiriça, muitas pessoas relataram que “eles [UFAM] só chegaram, mediram e colocaram o muro”, em alguns casos, cortando quintais e espaços das casas das pessoas.

Nas bordas do muro, lixeiras viciadas têm sido constantemente denunciadas pelos moradores para a prefeitura de Manaus. Welton nos relatou que organizou alguns mutirões de limpeza na área, junto com outros moradores, e nesse processo, perceberam que o descarte irregular era feito também por empresas – que descobertas e denunciadas, passavam a ameaçar os moradores. Em suma, há uma sensação de que a UFAM fez o muro, limitou ainda mais o acesso ao espaço do campus, sem considerar o impacto dessa obra na vida das bordas, principalmente nas vidas dos moradores do Coroadó.

Considerações finais

Logo que entramos em uma trilha, para uma atividade de extensão coordenada pelo professor Pedro Paulo de Miranda Araújo Soares, e guiada pelo professor Ronis da Silveira, este último nos alertou que estávamos adentrando “a casa” de outros seres, que éramos “estranhos” para eles, reforçando o cuidado com que devíamos transitar na área de mata, mas também ressaltando a ideia de tensão entre homem e natureza, muito cara a antropologia, mas também a ecologia, ciências que tem se dedicado ao longo dos anos para compreensão dessa relação conflituosa, predatória, mas em alguns casos, permeada de alternativas possíveis de convivência, complementariedade e harmonia.

Mesmo mencionando essa aparente tensão entre “bicho-gente” e outros seres não humanos, é interessante notar que a contextualização de Ronis ao longo daquela atividade de trilha, em nenhum momento, ignora ou recrimina a presença, circulação e usos humanos (assim como os usos de pesquisa e colaboração respeitosa com as vidas dos animais, feitas pela sua equipe), denotando que essa aparente tensão não se configura necessariamente como uma desconexão, mas como um emaranhado de relações possíveis (que podem ser consideradas positivas ou negativas, a depender do ponto de vista).

Na perspectiva de dentro do Campus, o discurso de proteção da área de floresta tende a desconfiar dos agrupamentos humanos que se formaram, ao longo do tempo, no entorno da universidade. Com recursos frágeis e diante de lógicas empreiteiras cada vez mais predatórias em relação a natureza, certos estão pesquisadores/as e membros/as da comunidade acadêmica da UFAM em resistir aos novos prédios do campus, questionar a derrubada indiscriminada de árvores, e defender a floresta do campus do crescimento urbano desenfreado. No entanto, ao verificarmos como moradores do bairro do Coroadó percebem o campus e a sua floresta, encontramos similaridades do desejo de proteção e cuidado, ao invés de lógicas destrutivas.

Os moradores do bairro têm suas próprias preocupações com o “meio ambiente” e com a área do campus, que nem sempre se encaixam em definições legais ou burocráticas. Com suas próprias lógicas de cuidado com a natureza, se organizam para que as lixeiras viciadas sejam eliminadas, para que a sensação térmica permaneça sendo aliviada pelas árvores da floresta do campus, para que não sejam destruídas as relações de plantio, uso e manutenção de espécies (sobretudo a flora). Um caminho possível para a aliança entre esses dois “mundos” pode ser a compreensão das similaridades entre esses interesses.

No entanto, a universidade ainda precisa superar os estigmas produzidos na história conflituosa entre o campus e o bairro. O estigma da “invasão”, ainda presente nos discursos sobre o Coroadó (inclusive entre os moradores, ao contarem sobre a origem do bairro) é boa para pensar em como essa região tem sido historicamente afastada da universidade. Isso se revela nas escolhas e opções de moradia entre a comunidade do campus. Enquanto alunos e técnicos mais pobres tendem a procurar moradia no Coroadó pela facilidade de acesso ao campus e ao INPA (e, nesse caso, majoritariamente por meio de aluguéis), o mesmo movimento é tímido entre pesquisadores e professores dessas duas instituições, que têm preferido morar em residenciais mais planejados, como o Eliza Miranda ou o Acariquara. A proteção do campus, como discurso de proteção ambiental, parece ter como pano de fundo questões de classe social, pobreza, segurança pública, além de diferentes entendimentos sobre dignidade da vida na cidade.

Referências bibliográficas

CASTRO, Luana. Verde urbano e justiça socioambiental no padrão de urbanização manauara. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Pará. Belém, 2023.

FIRMINO, André Menezes. Memória da ocupação dos lotes de terras da UFAM em Manaus (AM). Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Curso de licenciatura em História, 2025.

MONTEIRO, Cláudia G. OLIVEIRA, Edinbergh C.; SILVEIRA, Edmilson B. (Orgs.). Fauna & flora da Universidade Federal do Amazonas: a maior biodiversidade urbana do Brasil. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2022.

OLIVEIRA, Fabiane Araújo de. Entre o Sentir e o Agir: A Cidadania Ambiental na APA Floresta Manaós. Tese de doutorado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade da Amazônia - Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2019.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Tempo e memória ambiental: etnografia da duração das paisagens citadinas, Brasília, DF: ABA Publicações, 2021.

SOARES, Pedro Paulo de Miranda Araújo. Memória ambiental na bacia do Una: estudo antropológico sobre transformações urbanas e políticas públicas de saneamento em

Belém (PA). Tese de doutorado em Antropologia Social – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2016.

SOARES, Pedro Paulo. Memória ambiental das águas urbanas na bacia do Una em Belém (PA). In: Rocha, Ana Luiza Carvalho da; Eckert, Cornelia. Tempo e memória ambiental: etnografia da duração das paisagens citadinas, Brasília, DF: ABA Publicações, 2021.